

CHAFARIZ DE SÃO JOSÉ DA CIDADE DE TIRADENTES E SUA INTERVENÇÃO DE RESTAURO

Luiz Antonio da Cruz

Professor - EEAP
luizcruziradentes@gmail.com

Resumo: Tiradentes é protegida pelo IPHAN desde 1938, através do tombamento do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico. Seus principais monumentos têm proteção individual e dentre eles está o Chafariz de São José, edificado em 1749. É um dos maiores e mais bonitos do Brasil colonial e construído em blocos de quartzito. É cercado por uma mureta com banco. Em sua fachada há três carrancas que jorram água em tanque abaulado. Há um oratório com a imagem de São José de Botas e acima o brasão de armas da Coroa Portuguesa. Encerrando a composição foram instalados dois pináculos e um acrotério com uma cruz, ambos na mesma rocha. Na lateral direita está o tanque para as lavadeiras e na esquerda o tanque para dar água aos animais. O chafariz é abastecido por água do Bosque da Mãe D'Água, conduzida por um aqueduto rústico, feito com o mesmo material pétreo. A cidade foi escolhida para abrigar um Caso do BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social para a restauração, revitalização de seus monumentos e um Programa de Educação Patrimonial. Alguns monumentos já foram restaurados e entregues à comunidade, há obras em andamento e outras estão sendo licitadas para iniciarem ainda em 2016. O chafariz passou por obra de restauro e já foi entregue. O presente trabalho pretende apresentar o Chafariz de São José como monumento significativo no contexto sociocultural de Tiradentes, bem como analisar sua obra de restauro que acabou de ser concluída.

Palavras Chave: Chafariz de São José, restauro, Tiradentes.

Abstract: FOUNTAIN OF SÃO JOSÉ, CITY OF TIRADENTES, AND ITS INTERVENTION OF RESTORATION. The city of Tiradentes has been protected by IPHAN since 1938, under category "Architectonic and Urban Set". Among the protected monuments is the Chafariz de São José – a public fountain built in 1749, surrounded by a short wall and stone bench. In the main facade there are three scowls that pour water. There is an oratory with the statue of São José de Botas, made in terracotta and above it is the Portuguese crown's coat of arms. Enclosing the composition there are two pinnacles and a cross. On the right side we have a tank for the washerwomen and on the left we have a tank for animals. The water comes from Bosque da Mãe D'Água and is brought to the fountain through an aqueduct, made of quartzite blocks. The city was chosen to receive BNDES funding to restore historical buildings and a Heritage Education Project. Some of them have been restored and delivered to the community, some of them will still be restored. The present work intends to introduce Chafariz de São José as an important edification in the social and cultural life of Tiradentes and analyze its restoration.

Keywords: Chafariz de São José, restoration, Tiradentes

1. INTRODUÇÃO

Um dos primeiros pontos de abastecimento de água potável da antiga Vila de São José del-Rei foi o Poço da Matriz, até que a Câmara mandasse construir o chafariz público, ainda na primeira metade do século XVIII. O Chafariz de São José é um dos mais belos e imponentes do Brasil colonial. É um dos raros chafarizes que possui quatro fachadas e seu principal elemento construtivo rochoso é o quartzito. Em Minas, ao longo dos séculos XVIII e XIX poucas eram as edificações que possuíam abastecimento de água potável, conduzidas em alcatruzes, geralmente feitos com xisto ou pedrasabão. Algumas residências foram abastecidas por nascentes, localizadas em suas proximidades, conforme ainda podemos apreciar na casa que pertenceu ao franco-português Marçal Casado Rotier, cuja bica é em xisto. O abastecimento canalizado não ocorreu em São José, então, a água para o consumo doméstico era coletada no Poço da Matriz ou no chafariz. A água do chafariz nasce no Bosque da Mãe D'Água, é coletada em dois tanques e conduzida por um aqueduto rústico, também em quartzito.

O Chafariz de São José tem um pátio fechado por mureta com banco em sua fachada principal, com

abertura frontal ladeada por dois elegantes pináculos e parapeito para impedir a entrada de animais. O chafariz propriamente dito ficou um pouco mais elevado, tendo o seu acesso por quatro degraus e está centralizado. A fachada nos lembra o frontispício de uma capela. Na base está o grande tanque, com movimento abaulado, bem ao gosto do estilo Barroco; sendo composta por duas colunas ladeadas por volutas em forma de "S" e encerradas por cimalha. No pano, em área delimitada, encontram-se três carrancas antropomorfadas e sobre a central foi inscrita a data 1749. Tradicionalmente, a área das carrancas é pintada de azul cobalto. Acima, está o oratório encaixado na cimalha, formando uma arquivolta. Ele está ladeado por volutas em contraformas, de onde pendem cachos de flores reconstruídas. O oratório abriga a imagem de São José de Botas, em terracota, provavelmente de origem portuguesa. Acima da cimalha estão dois arranques em volutas e sobre eles dois pináculos, com a solução semelhante aos da entrada. Ao centro está o braço das armas de Portugal, coberto com a coroa real. A composição é fechada por uma cimalha e sobre ela o acrotério com a cruz. Nas laterais do pano do chafariz, das volutas pendem cachos de flores reconstruídas. Do lado direito está o tanque para as lavadeiras. Há um pátio calçado por blocos de quartzito aparelhados, com pequena mureta e duas bicas, uma para abastecimento de água e a

doi: 10.18285/geonomos.v24i2.881

outra é o ladrão do tanque oposto, da lateral esquerda, destinado a matar a sede dos animais, especialmente das tropas que chegavam ou partiam da localidade. A fachada posterior é amparada por dois muros, sendo um perpendicular e que direciona a água em um conduto, fechado por blocos bem aparelhados de quartzito. Os dois muros têm arremates em material rochoso. Na parede posterior do chafariz há uma abertura para controlar a queda d'água nas três bicas.

O chafariz está inserido no amplo Largo do Chafariz, parte mais baixa da localidade. Ao longo de muitos anos existiram apenas três casas no largo, a Chácara do Chafariz, que tinha seu pequeno chafariz próprio, e mais duas casas ao fundo. A da esquerda ruiu completamente e a da direita, foi descaracterizada. O largo constituía-se de área verde, parte gramada, onde as lavadeiras deixavam as roupas quarando. O chafariz é a única edificação tombada inserida na APA-Área de Proteção Ambiental da Serra de São José (Decreto Nº 30.934, de 16/2/1990).

1.1. Aspectos históricos

A documentação referente à construção do Chafariz de São José desapareceu e esta memória se perdeu completamente. Mas não só o monumento como também o ambiente onde se encontra foram muito expressivos para o cotidiano sociocultural da antiga São José. Era local usado pelas mulheres, para lavar roupa e apanhar água potável para abastecer as casas. Foi bastante frequentado pelos escravos ao final da tarde, nos momentos de folga. No código de "Posturas Municipais e Políticas da Câmara de Villa de São José", de 1829, há pena para os escravos que incomodassem as mulheres que lavavam roupas, ou ainda, para os que amolassem facas, foices e outros nas pedras do chafariz. Ainda sobre os escravos, o viajante irlandês Revendo Robert Walsh (1986, v.II, p.157) registrou:

Há um pequeno relvado em São José, perto do Chafariz, onde os negros se reúnem todos os domingos, para dançar. O tocador bate no tambor convocando os dançarinos. As primeiras batidas, que são ouvidas por toda a cidade, têm um efeito eletrizante; os negros surgem de todos os pontos, e em pouco tempo sua alegria chega às raias do frenesi. Eles dançam, cantam, berram, fazendo ecoar a sua algazarra por toda redondeza.

Outros viajantes brasileiros e estrangeiros também deixaram relatos sobre o chafariz, mas pouco expressivos.

Ao longo do século XX, o chafariz foi um elemento muito importante para a comunidade, além de sua utilidade para o abastecimento de água potável, era local de encontro das mulheres que se

reuniam, principalmente nas segundas-feiras, para lavar roupa e passar a limpo a vida social local. Foi também o ponto onde os rapazes iam passear ao final das tardes de final de semana e gostavam de ser fotografados e sobre esse aspecto há muitos registros.

Em 1924, quando a Caravana Modernista passou por Tiradentes, Tarsila do Amaral fez interessantes desenhos das lavadeiras e do ambiente do chafariz¹. A maioria das fotografias que registraram o chafariz e o largo é da década de 1940, sendo a maioria do Arquivo Central do IPHAN, no Rio de Janeiro. Em 1949, o fotógrafo Gilberto Ferrez fez uma bela imagem do largo, tendo ao fundo a Matriz de Santo Antônio, na base dela aparece o paredão da margem do Córrego do Chafariz, em blocos de quartzito². Este mesmo ângulo foi desenhado por Tarsila do Amaral. Há uma fotografia, de 1949, quando foi realizada a festa do bicentenário do Chafariz de São José, sob a coordenação do Padre José Bernardino de Siqueira (1982-1976), quando várias personalidades da cidade ficaram registradas. Nas décadas de 1950 e 1960 a Escola de Arquitetura da UFMG documentou fotograficamente os monumentos da cidade e um deles foi o Chafariz de São José (Figura 1).



Figura 1. Chafariz de São José. Década de 1950. Acervo EAU-UFMG.

O monumento e o largo foram utilizados em alguns documentários, filmes e minisséries para a televisão, principalmente por sua elegância, ambiência peculiar e bucólica. No final do século XX, o chafariz foi perdendo sua função de abastecer água potável e lavanderia pública. Atualmente, não é utilizado com seus objetivos principais. Ao longo do tempo, passou por pequenas intervenções de manutenção e de restauro.

¹ AMARAL, Aracy A. Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas. São Paulo: Ed. 34/Fapesp, 1997.

² Família Ferrez: novas revelações. Catálogo da exposição realizada no Rio de Janeiro – Centro Cultural Banco do Brasil e em Belo Horizonte – Museu de Artes e Ofícios, 2008, p. 53.

1.2. Aspectos de sua conservação

O Chafariz de São José mesmo com proteção através do tombamento do Conjunto Arquitetônico de Tiradentes e de seu tombamento individual, efetivado em 3 de dezembro de 1949, não tem recebido a devida atenção que merece, considerando sua expressividade arquitetônica e cultural. A primeira intervenção realizada pelo antigo SPHAN, em Tiradentes, foi nesse monumento, que deve ter ocorrido em 1942, pois o prefeito municipal, Celestino Rodrigues de Mello, enviou o Of. Nº 67, datado de 12 de abril de 1943, com observação sobre tal obra:

Acusando o recebimento de vosso ofício nº 59 de 22 de Janeiro deste ano, resposta do meu nº 45 de 4 do mesmo mês, venho declarar-vos que a minha proposta de fazer o serviço por administração e fiscalização da Prefeitura, do prédio da tradicional casa do Vigário Correa de Toledo, onde nele funciona a Prefeitura, foi tão somente porque com o emprego do melhor material e sob severa fiscalização, em cumprimento às exigências desse Serviço, tornar-se-ia a sua execução á contento, não sucedendo como os reparos feito no Chafariz que não satisfizeram, no meu ver, a expectativa desejada, como monumento que merece o nosso desvelo.³

Conforme o registro do prefeito Celestino Rodrigues de Mello, a obra realizada no Chafariz de São José ficou a desejar. Infelizmente, mesmo diante de sua magnitude arquitetônica, seus materiais construtivos rochosos e sua expressividade cultural, a edificação sempre recebeu obras sem o merecido cuidado. A principal intervenção ocorreu quando foi implantado o projeto paisagístico de Roberto Burle Marx, proposto pela Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, através de sua presidente, Maria do Carmo Nabuco, em 1983, executado pela prefeitura, com apoio financeiro da Embratur e orientação do IPHAN. Esse foi o único projeto que compreendeu o monumento e sua ambiência. O piso do cimento que cobria os fragmentos de calçada em pé-de-moleque foi removido e se utilizou pedras aparelhadas de xisto verde e de quartzito. O muro do terreno em frente ao chafariz foi refeito utilizando-se moledo (rocha alterada). A ponte sobre o Córrego do Chafariz foi alargada e recebeu proteção nas laterais. Houve limpeza e acerto das margens do córrego. O terreno do largo foi nivelado e gramado. Foram plantadas as seguintes espécies arbóreas: magnólias amarelas (*Michelia champaca*), jatobás (*Hymenaea courbaril*), guapuruvus (*Schizolobium parahyba*) e quaresmeiras brancas (*Tibouchina sp.*). Instalaram bancos em bloco de pedra para o descanso e a contemplação da paisagem. O chafariz recebeu um projeto de iluminação. Ao longo do tempo, outras

pequenas intervenções de manutenção foram realizadas até que em 2011 o IPHAN fez a substituição da porta do oratório de madeira em caixilho e vidro por uma de blindex e parafusou a imagem à base de pedra. Com o oratório fechado e vedado, por falta de circulação de ar, a imagem de São José ficou mais danificada.

1.3. A última intervenção no chafariz

Segundo Alois Riegl, “a noção de monumento amplia-se, abarcando não só a obra completa, mas também fragmentos e inscrições.”⁴ Nesse sentido, faz-se necessário contemplar o monumento como um todo e no caso em tela, destaca-se a grande dimensão do bem com sua ambiência, inclusive o aqueduto e os tanques do Bosque da Mãe D’Água, de onde vem a água que abastece o chafariz. O principal teórico da restauração, Cesare Brandi, afirma que “a arquitetura, se tal, é obra de arte, como obra de arte goza da dúplice e indivisível natureza de monumento histórico e de obra de arte, e o restauro arquitetônico recai também sob a instância histórica e a instância estética.”⁵ O bem cultural, então, precisa ser contemplado pelo seu valor arquitetônico, histórico e estético. Ou seja, para realizar uma intervenção se faz necessário considerar os aspectos que tornam o elemento significativo e como um bem cultural. Em se tratando de bem patrimonial pétreo, é necessário dar-lhe mais atenção, conforme nos alerta o pesquisador Antônio Gilberto Costa, em *Rochas e Histórias do Patrimônio Cultural do Brasil e de Minas* (2009, p. 274):

Como parte da conservação e da preservação desses bens, encontra-se a restauração. Esta restauração pode implicar em complementações de partes ou em substituições de peças. Para o caso das obras em pedra, saber-se de onde vieram os materiais empregados é tão fundamental, quanto o conhecimento das suas propriedades.

O elemento pétreo possui características específicas e para compreender sua situação de conservação, torna-se elementar conhecer a origem da rocha, a jazida de onde foi extraída, para levantar subsídios para a intervenção, seja na ordem de ações de restauro ou mesmo preventivas. A extração da rocha, o transporte, o trabalho braçal e o fazer artístico juntamente com a concepção arquitetônica geram uma memória, a qual pode e deve ser um dos elementos que valorizam o bem edificado e o vincula às questões sociais.

E para reforçar isso, relembremos John Ruskin que afirmou “a arquitetura deve ser considerada por nós com mais seriedade. Nós podemos viver sem ela, e orar sem ela, mas não podemos rememorar

³ Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

⁴ RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 12.

⁵ BRANDI, Cesar. Teoria da restauração. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 131.

sem ela.”⁶ Ou seja, mesmo perdendo sua utilização, como o caso do chafariz, ele está impregnado de memória. Sem ele não podemos rememorar os seus tempos em que a cidade inteira precisava de seu produto, a água. Em sua ambiência, trabalhadores se encontravam e era área de lazer de escravizados e outros aspectos expressivos do cotidiano local.

No Caso do BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social para Tiradentes, o Chafariz de São José também foi contemplado com obra de restauro. A empresa Suprema Engenharia Empreendimentos e Comércio Ltda. foi a vencedora da licitação, mas a execução foi terceirizada para a empresa Miguilim: Cultura, Arquitetura, Projeto e Ecologia Ltda., sediada em Belo Horizonte (Figura 2). O valor da obra foi de R\$297.927,89 (duzentos e noventa e sete mil novecentos e vinte e sete reais e oitenta e nove centavos). A obra do Chafariz de São José fez parte da proposta de realizar a “Revitalização de obras públicas e monumentos históricos do município de Tiradentes” no valor total de Cr\$ 4.736.871,44 (quatro milhões, setecentos e trinta e seis mil, oitocentos e setenta e um reais e quarenta e quatro centavos).



Figura 2. Restauro do Chafariz de São José, 2015. Fotografia do autor.

A obra de intervenção realizada pela Prefeitura de Tiradentes, sob orientação do IPHAN e patrocínio do BNDES constituiu-se da remoção da vegetação e higienização. Em alguns pontos foi feito rejunte com massa de cimento, com a inserção de elementos pétreos diferentes do original. Houve intervenção nas fissuras do revestimento e pintura. Tal ocorreu no chafariz, nos muros e bancos. Para a higienização, foram empregadas escovas de aço, de cerdas macias e água destilada. Houve exagero em algumas partes, limpavam demais e removeram as pátinas de proteção do elemento rochoso, acumulada ao longo dos séculos, deixando o material pétreo exposto às

intempéries e outras ações. Cesari Brandi (2004, p. 85) abordou também essa questão:

Historicamente, a *pátina* documenta a própria passagem da obra de arte no tempo e portanto deve ser conservada. Mas para a Estética é também legítima a conservação? Deve-se sublinhar que, nessa sede, deve-se poder deduzir tal legitimidade de modo absoluto, isto é, independe do fato de que o autor possa ou não ter contado com esse estrato quase palpável que o tempo teria depositado sobre a sua obra.

Removida a pátina, a edificação com elementos rochosos ganhou nova cor e nova textura, conseqüentemente em diversos pontos os blocos de quartzito ficaram fragilizados e esfoliando-se.

A intervenção ocorreu apenas na parte principal do monumento e quando se retirou os tapumes e encheram os tanques a água vazou e escorreu pelo logradouro, causando incômodo principalmente aos turistas que achavam que era água de esgoto, mas era água pura do sopé da Serra de São José escapando dos encontros dos blocos rochosos mal vedados. Não houve nenhuma intervenção no aqueduto, nos tanques de coleta de água, no Bosque da Mãe D'Água, e nem no largo.

Na publicação *Tiradentes: monumentos preservados*, do pesquisador do IPHAN, Olinto Rodrigues dos Santos Filho (2015, p. 193), editado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes e patrocinada pelo BNDES, essa obra de restauro foi incluída, lá está registrado:

O atual projeto de restauração do monumento elaborado pela Miguilim, Cultura, Arquitetura, Projeto, Turismo e Ecologia contempla a restauração de todo o monumento, com tratamento de alvenaria, rebocos, retirada de vazamento, limpeza da cantaria, rejuntes, limpeza das canaletas, restauração de todo o aqueduto, pintura geral do monumento e tratamento paisagístico.

A descrição da intervenção que acompanhamos como espectador e documentada fotograficamente ficou diferente da obra que registrou as intervenções no Chafariz de São José, citada acima, realizadas pela prefeitura, com o apoio financeiro do Estado de Minas Gerais, através de empréstimo do BNDES e orientação do IPHAN.

A CEMIG fez a substituição da iluminação realizada em 1983, com soluções mais modernas e eficientes, também com recursos financeiros oriundos do BNDES. O Chafariz de São José, conforme observamos, passou por diversas intervenções, mas a única que realmente propiciou melhores condições e revitalização para o monumento e sua ambiência foi a realizada na década de 1980. Em curto período será necessária nova obra, principalmente no aqueduto, que se

⁶ RUSKIN, John. A lâmpada da memória. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004, p. 54.

encontra com vazamentos, perdas de blocos de cobertura e o risco de desmoronamento de certos trechos.

2. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Aracy A. *Blaise Cendrars no Brasil e os modernistas*. São Paulo: Editora 34/Fapesp, 1997. Nº p. 208.

BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Cotia, SP: Ateliê Editoria, 2004. Nº p. 261.

COSTA, Antônio Gilberto. *Rocha e Histórias do Patrimônio Cultural do Brasil e de Minas*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2009. Nº p. 291.

CRUZ, Luiz Antonio da. *Serra de São José - Educação Patrimonial*. Tiradentes: Mandala

Produção, 2016. Nº p. 90.

CRUZ, Luiz Antonio da. e BOAVENTURA, Maria José. *Glossário do Patrimônio de Tiradentes – MG*. Tiradentes: IHGT, 2015. Nº p. 158.

SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Tiradentes: monumentos restaurados*. Tiradentes, MG: Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, 2015. Nº p. 250.

SOUZA, Wladimir Alves de. (coord.) *Guia dos bens tombados Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1984. Nº p. 447.

RIEL, Alois. *O culto moderno dos monumentos*. São Paulo: Perspectiva, 2014. Nº p. 85.

RUSKIN, John. *A lâmpada da memória*. Cotia, SP: Ateliê Editoria, 2008. Nº p. 86.

WALSH, Robert. *Notícias do Brasil (1828-1829)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985. Nº p. 222.

Contribuição ao

1º. Simpósio Brasileiro de Caracterização e Conservação da Pedra
14 a 16 de dezembro de 2016, Congonhas – MG

Nota:

É de responsabilidade da comissão editorial do Simpósio a revisão gramatical, ortográfica, de citações e referências bibliográficas. As normas de submissão podem se diferenciar das desta revista.